

O pensamento de João de Scantimburgo

Prof. Dr^a. Anna Maria Moog Rodrigues
(Academia Brasileira de Filosofia - Instituto Luso-Brasileiro de Filosofia
Petrópolis – RJ – Brasil)
annamaria.moog@gmail.com

Resumo: Adepto da filosofia da ação de Maurice Blondel, Scantimburgo escreveu para divulgá-la no Brasil. Toda a filosofia está centrada no conceito de *ação*, experiência apetitiva que aponta para uma Causa Final. Sendo realizada por uma causa segunda, contingente, a *ação* aponta também para a Causa Primeira, necessária, que coincide com a Causa Final, o *Puro Agir*, fonte do movimento dinâmico de todo o universo.

Palavras-chave: Ação; Puro agir; Experiência; Causa primeira; Causas segundas.

1. Considerações iniciais:

João Scantimburgo (1915-2013) foi o propagador no Brasil da filosofia de Maurice Blondel. Foi também jornalista, ensaísta, professor e empresário.

Como jornalista, além de dirigir os Diários Associados (Diário de São Paulo e Diário da Noite) e o Correio Paulistano, escreveu para o Jornal do Comércio. Fundou e dirigiu a TV Excelsior. Enquanto professor, lecionou na Fundação (universitária) Armando Álvares Penteado e na Universidade Estadual Paulista (UNESP). Colaborou em várias publicações culturais e foi eleito membro de instituições literárias, inclusive da Academia Paulista de Letras e da Academia Brasileira de Letras.

Da extensa bibliografia do escritor consta o *Tratado Geral do Brasil*, alentado estudo sobre a história do Brasil, evolução do povo brasileiro, instituições políticas brasileiras, política social, economia, segurança nacional, problemas de educação e papel do Brasil no mundo.

Consta também um estudo no qual ele comprova a formação tomista de Camões por textos analisados em *Os Lusíadas (Interpretação de Camões)*; publicou coletâneas de palestras em que faz previsões acerca do futuro (*Amanhã, o Ano 2000*), (*A Agonia da Civilização*), e reflexões sobre a questão da técnica (*O Segredo Japonês*), (*A Extensão Humana*), além de outros.

Scantimburgo era um católico convicto. Preocupavam-no, sobremaneira, os destinos dos homens nesta quadra da história, quando lhe parecia decair, por toda parte, a religiosidade, predominando a crescente onda de ateísmo, ou, o que considerava pior, o indiferentismo em matéria de religião.

Por sorte, quando estudante de filosofia, ele encontrou no mestre jesuíta, Roberto Sabóia de Medeiros, S.J., alguém que partilhava de suas preocupações e que havia achado uma resposta na filosofia de Maurice Blondel (1861-1949). O Pr. Sabóia de Medeiros introduziu o jovem escritor no

estudo da Filosofia da Ação, como é conhecido o pensamento de Blondel, estimulando-o a usar de sua pena para divulgá-la no Brasil.

Scantimburgo viu no pensamento de Blondel a chave para se reconciliar com a modernidade, isto é, para a atualização da filosofia de sua formação católica, fundada desde a Patrística, passando por Santo Agostinho, a Escolástica até Santo Tomás de Aquino. Scantimburgo não considerou Blondel um tomista ortodoxo, mas sim um tomista heterodoxo, apesar de toda a polêmica que havia sido suscitada nos meios católicos por ocasião da defesa e publicação da tese, *L'Action* em 1893.

Scantimburgo nunca mais desistiu de difundir o pensamento de Blondel em artigos e livros, por lhe parecer a mais adequada resposta ao ateísmo militante de Sartre e ao materialismo da filosofia da 'praxis' de Marx, então em plena ascensão. No livro *O Problema do Destino Humano* (1979), o autor se propôs justamente confrontar a *práxis* marxista, com a *ação* blondeliana por ambas as filosofias tratarem de tema pertinente à razão prática.

Já no livro publicado em 1970 com o título de *A Extensão Humana, Introdução à Filosofia da Técnica*, o autor afirmara que, tendo em mãos o acervo de invenções e descobertas do mundo moderno, devíamos usar a ciência e a tecnologia para o aperfeiçoamento do homem, para o melhor funcionamento das sociedades, buscando reduzir ao mínimo o acaso no destino das nações, usando-as, ciência e técnica, como a extensão do homem, enquanto ser criado à imagem e semelhança com Deus.

A propósito, ele havia escrito:

Pretendemos – é essa alinha do nosso pensamento – a elevação da pessoa operante. O homem deve encarnar-se, pela técnica, no seu produto. Esse o grande desafio do nosso tempo, o de ver na técnica a analogia do Verbo, não o processo que transforma a natureza e acaba no sujeito, como querem Marx e Engels... (SCANTIMBURGO, 1970, p. 23).

E mais adiante, ainda a propósito da técnica, ele dirá:

O que devemos é, com Berdiaeff, considerar a técnica um problema espiritual, pois a conjugação de todos os esforços que abicaram nas criações da ciência, corporificada em produtos tecnológicos, deve libertar a pessoa, desvendando-lhe novos horizontes, para o seu itinerário em direção à plenitude espiritual (*Ibidem*, p. 25)

Scantimburgo afirma reiteradamente em seus textos que Blondel não pretendeu fazer teologia. O que ele havia pretendido e havia conseguido realizar fora filosofia pura. Mas reconhecia que o filósofo não deixara de intercalar, ao longo de sua exposição, reflexões permeadas de

terminologia teológica, o que sempre dera margem a que fosse acusado de fazer teologia e não filosofia.

O mesmo sucedeu com Scantimburgo. Mais do que em Blondel, em Scantimburgo se encontram constantes referências e expressões de cunho teológico, já que para tanto teve o exemplo e o ‘*placet*’ do filósofo francês.

Esta é a razão pela qual constitui um trabalho de verdadeira garimpagem, extrair a linha do pensamento filosófico do autor nos dois livros em que se propôs sintetizar a Filosofia da Ação, o primeiro intitulado, *A Filosofia da Ação, Síntese do Blondelismo*¹, mais tarde reeditado com o título de *Introdução à Filosofia de Maurice Blondel*, no qual foi incluído outro livro, *A Questão do Ser e dos Seres*²,

Aliás, o próprio Scantimburgo reconhece a dificuldade que ele mesmo enfrentou ao desbravar o texto de Blondel: “A linguagem de Blondel é espessa”(SCANTIMBURGO, 1993, p. 47), afirmou. “Rico, embora, o seu estilo literário não tem, contudo, a clareza transparente de que a língua francesa se tornou paradigma” (*Ibidem* , p.47). Reconhece também que Blondel foi criticado e, “não raro, acerbamente, por tentar confundir as duas ordens, a teológica e a filosófica”(*Ibidem* , p.62) mas, afirma que o filósofo insistia em advertir que filosofia e teologia são ciências autônomas, a questão consistindo em saber em que medida o Deus dos filósofos e o Deus dos teólogos poderiam se encontrar e se reconhecer, a fim de evitar um “extrinsecismo desastroso” (*Ibidem* , p.63).

A propósito do estilo do próprio Scantimburgo, o renomado filósofo belga Leonardo Van Acker, em dura crítica ao livro que lhe fora por ele dedicado (*A Filosofia da Ação , Síntese do Blondelismo*) escreveu em carta ao autor:

verifico também no amigo um estilo retórico e metafórico! Embora decidido e nada prolixo, mas afirmativo e até repetitivo, o seu discurso é mais laudatório e panegírico do que sintético e expositivo dos argumentos; mais glosador enfim do que propriamente sintético, por ser constantemente interrompido por digressões polêmicas contra a filosofia moderna, e em particular contra o “hegelo-marxismo”. Ora, a polêmica não favorece uma exposição clara e objetiva, mas antes confunde, cansa e irrita o leitor, quando é hostil ou imparcial e só consegue agradar a correligionários de antemão convencidos (opus. cit. p.178).

¹ SCANTIMBURGO, João. *A Filosofia da Ação, Síntese do Blondelismo*. São Paulo: Digesto Econômico, 1982.

² _____. *Introdução à Filosofia da Ação, seguido de O Problema do Ser e dos Seres*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1993.

Ao que Scantimburgo respondeu, com elegância e grandeza, publicando na íntegra a carta de Van Acker na reedição do livro, juntamente com a carta resposta que lhe enviou, onde agradece a crítica criteriosa e se defende dizendo que teria sido mais fácil a mera síntese do que a síntese e a glosa, mas que ambas se completavam para tornar mais acessível o pensamento de Blondel. Quanto à polêmica, considerava que o confronto do blondelismo com o hegel-marxismo punham mais em evidência o contraste entre a ação para a transcendência de uma filosofia, face à ação para a meta-imanência de outra, ponto que desejava sempre enfatizar.

Após esta longa introdução, ou digressão sobre o estilo tanto de Blondel quanto de Scantimburgo, cumpre apresentar as teses fundamentais do pensamento de Blondel a que Scantimburgo deu plena anuência, tornando-o seu próprio pensamento.

2. O pensamento de Maurice Blondel (1861-1949) sintetizado por Scantimburgo

O tema principal do pensamento de Blondel é o conceito de *ação* que, segundo Scantimburgo, sequer figurava no vocabulário filosófico até que ali tenha sido introduzido pelo próprio filósofo. Eventualmente, e graças a este, o Dicionário de Filosofia de Lalande hoje define a *ação* como sendo mais concreta do que o ato; é princípio e fim de uma operação que se pode conservar imanente a si mesma. Além disso, continua, citando Lalande:

A ação consistiria em modelar matéria exterior ao agente, a encarnar uma ideia, a fazer cooperar, por uma criação artificial, diversos poderes físicos ou ideais. A ação pode consistir ainda, em plasmar o próprio agente, em esculpir os seus membros e os seus hábitos, a dar vida à intenção moral no organismo, a espiritualizar a vida animal, e daí, a vida social. A ação pode, finalmente, consistir na realização do pensamento, no que tem ele de mais universal, de eterno, a contemplação, no sentido cabal e técnico do vocábulo “(SCANTIMBURGO, Introdução à Filosofia de Maurice Blondel, opus. cit. p. 36).

Para Blondel o conceito de *ação* engloba toda a filosofia. Pelo conceito de *ação* ele nega a dicotomia estabelecida por Descartes entre alma e corpo, entre pensamento e matéria.

O ser humano, pela *ação* se percebe como causa segunda de suas ações, posto que sujeito às condicionalidades quer psicológicas ou físicas, sociais ou culturais que sobre ele atuam. Sendo um ser contingente, reconhece a contingência de tudo o que há no universo onde também operam e interagem a infinidade de causas segundas. As causas segundas apontam inexoravelmente para uma Causa Primeira, o Ato Puro de que falou Aristóteles.

Mas o Ato Puro de Aristóteles não satisfaz a Blondel, posto que dá uma impressão de algo estático. Daí que Blondel concebe a Causa Primeira de toda *ação* como sendo um *Puro Agir*, conceito este que é dinâmico e não estático.

O puro *Agir* é a primeira instância de toda a *ação* e também o móvel que atrai em última instância toda *ação*. É a Causa Primeira e a Causa Final de todos os *seres contingentes* do universo posto que é o *Ser necessário*.

Dado que a *ação* modifica o meio no qual se insere, vê-se que ela não opera em círculo fechado, não escapa à gravitação universal, não foge às sujeições do determinismo. A *ação* em sua acepção máxima é experiência apetitiva que não se esgota no sujeito. Como tal, a experiência das causas segundas se reporta, em sua lógica, à causa primeira.

A *ação* blondeliana ultrapassa o conceito de ato voluntário das filosofias modernas posto que ela é anterior ao próprio pensamento e o constitui. Ela é experiência no sentido mais amplo do conceito. A *ação* de Blondel evoca o ato voluntário do pensamento de Duns Escoto, com sua base agostiniana muito mais dinâmica do que o intelectualismo tomista. Não sendo irracional, o ato voluntário de Duns Escoto, tal como o de Blondel, não é expressão do pensamento, não é determinado pelo pensamento, mas se realiza em consonância com o pensamento, constituindo-o. Assim como em Blondel, o pensamento de Duns Escoto propõe um dinamismo que mobiliza todas as ações de todos os agentes espirituais.

No pensamento moderno, isto é, a partir do século XVI, a experiência é o meio para a aquisição do conhecimento científico. A propósito da relação entre ciência e sabedoria, entre ciência e filosofia, Scantimburgo cita Jacques Maritain quando este diz que o mundo moderno, “não tem sido o mundo das harmonias das sabedorias, senão o do conflito da sabedoria e das ciências, e o da vitória da ciência sobre a sabedoria” (SCANTIMBURGO, 1970, p.54). O trabalho do filósofo deve, portanto, consistir, ao ver de Maritain, na reconciliação do ato experimental com a sabedoria, ou da filosofia com a ciência. E esta reconciliação não é realizada pelas filosofias imanentistas, quer o idealismo, quer o racionalismo ou quer o empirismo.

Reconhecendo a autonomia da pesquisa científica e tecnológica, e comprazendo-se com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, Scantimburgo, considera que o realismo moderado é o fundamento das filosofias que melhor realizam a harmonização dos conhecimentos, a harmonização entre a filosofia e a ciência.

Admitimos que somos causados e encontramos no puro *Agir* nosso princípio e nosso fim, sem que por isso o nosso agir se nulifique, mas ao contrário, encontre aí sua justificação. A questão

é que temos de um lado a realidade do puro *Agir* e de outro a consciência de nosso próprio agir. Como reconciliá-los?

Só agimos, explica Scantimburgo, participando da ação criadora do puro *Agir* e com ela cooperando. No entanto, somos agentes livres e podemos aceder ou recusar as implicações desta ação criadora do puro *Agir*, pois a liberdade é um dado fundamental do homem. Tudo procede do puro *Agir* sem tolher a nossa liberdade, mas, ao contrário, assegurando-a. O puro *Agir* assegura a nossa liberdade, sustentando a nossa ação ainda quando agimos em sentido contrário ao impulso de colaborar com ele.

O ser humano pode aceitar ou não aceitar a ideia do puro *Agir*, pode aceitar ou não aceitar a hipótese do sobrenatural. Esta hipótese surge como decorrência da indução: se as causas segundas fazem progresso, há uma tendência para um fim último. Por indução se chega ao puro *Agir*. Não obstante, o puro *Agir* é um mistério. Daí que Blondel o postule como hipótese e a lógica do destino humano parte da imanência para a transcendência.

De acordo com Scantimburgo, o puro *Agir* é o centro de toda a problemática filosófica: o problema da vida coloca-se por ou contra Deus. Na linguagem da filosofia blondeliana, coloca-se por ou contra o puro *Agir*. Trata-se da escolha radical da qual depende a solução do *Problema do Destino Humano*, título, aliás, de um dos seus livros.

A ação articula o pensamento com o ser, que só é enquanto dependente do Ser³. O termo *procissão* é usado para estabelecer a comunhão perfeita entre o puro *Agir* e o que é engendrado por ele. Por outro lado, o Ser é e o ser também é, entretanto, no ser a essência e a existência não se equivalem. A essência é o objeto da primeira operação do espírito, mas “sua autenticidade se acopla ao ser, à realidade sensível”.

De acordo com Santo Tomas, a existência atual não aparece nunca à maneira de predicado. A existência é o ser, formando um e outro, essência e existência, uma totalidade, mas não constituindo a existência um objeto para a inteligência, por quanto esta tem como objeto a essência.

Por conseguinte, subsiste uma diferença real entre a natureza inteligível, a essência e a realização positiva desta, a existência individuada, concreta. Blondel foi um realista concreto. Considera como dada, a partir daí a realidade do Ser absoluto, transcendente, necessário em sua unidade e unicidade, no qual a essência e a existência coincidem. O Ser é, em sua própria essência.

Na metafísica, Blondel concebe todo o universo, todas as coisas e toda a hierarquia de seres como sendo permeados em última instância por uma forma de pensamento, isto é, por uma espécie

³ Scantimburgo quis ser fiel a Blondel ao ponto de manter a terminologia ‘ser’ e ‘Ser’, quando a língua portuguesa facilita esta distinção pelo uso do termo ‘ente’ para distinguir do Ser.

latente de pensamento. Mesmo o mais rudimentar ser material tem um pensamento latente que aspira a algo que o ultrapassa. E é este pensamento latente que impulsiona tudo no sentido da *ação* para o puro *Agir*. Scantimburgo, em determinado momento, utiliza mesmo a expressão “base física do espírito”, lembrando o pensamento de Farias Brito⁴. Tal como em Farias Brito, a última realidade é espiritual.

Mas acima de tudo, Blondel foi anticartesiano. Para ele não há separação ou oposição intransponível entre pensamento e matéria, como já foi mencionado. A propósito, ele escreve:

O universo está em plena mutação e a matéria reclama um sentido a mais que escapa à brutalidade do materialismo. Se na ordem ascensional do universo, partindo-se da matéria inanimada, vemos que palpita na hierarquia cósmica a centelha da vida, é certo, para quem vislumbra e reconhece a posição do ser no cosmo, que o espírito é soberano (SCANTIMBURGO, Introdução à Filosofia de Maurice Blondel, opus. cit. p.241).

Não obstante a matéria não ter uma ser em si, ela se torna o ponto de partida ao imenso dinamismo da natureza inteira. A composição de todos os seres é de matéria e forma, conforme a tese aristotélico-tomista. Mas a espiritualidade latente em todos os seres faz lembrar as “razões seminais” de Santo Agostinho, isto é, ideias de Deus. E, diferentemente de Bergson, Blondel não considera a evolução de todos os seres como sendo impulsionadas por um “élan vital” mas sim por um “élan spirituel” que não se fragmenta em seu itinerário, mas, procedendo de uma origem única, o puro *Agir*, visa alcançar um fim inteligível e unificante.

3. Considerações finais: A ética de João de Scantimburgo

Foi apresentada no programa do Colóquio a minha contribuição como sendo um estudo sobre o tomismo de João de Scantimburgo, mas, como se pode ver, não se trata, no caso, de um tomismo na acepção mais ortodoxa do termo, mas sim de um tomismo heterodoxo, como o próprio Scantimburgo caracterizou o tomismo de Blondel, que é também o seu. Do que ficou dito acima, fica evidente que a ética de João de Scantimburgo será deduzida do pensamento blondeliano, e será a de um personalismo cristão.

Compreende Scantimburgo que somos todos solidários, os humanos de toda a terra, e, se outros seres pensantes houver, de todo o universo. Não só. Somos solidários com toda a natureza. Moralmente, temos em nós incutida na própria natureza, a norma da solidariedade e da caridade –

⁴ SCANTIMBURGO, João. *Introdução à Filosofia de Maurice Blondel*, opus. cit. p. 241.

no sentido de “caritas, amor - solidariedade com todos os seres, principalmente com todos os seres humanos. Devemos ser solidários com o nosso semelhante, a começar pela família, com os membros de nossa sociedade, com nossos compatriotas e, enfim, com toda a humanidade. A esta norma, inscrita na natureza dos seres, na consciência dos homens, se pode aceder ou não.

Considerando as paixões e fraquezas humanas, os homens tem dificuldade de seguir esta norma que, no entanto, está presente em todos, em todas as sociedades.

Moralmente somos obrigados a aceitar a responsabilidade por nossas ações, posto que somos agentes livres. Os efeitos de nossas ações se fazem sentir em toda a ordem universal. E somos também responsáveis não somente por nosso destino mas, na medida em que interagimos com tudo no universo, somos responsáveis pelas consequências de nossas ações sobre a natureza, sobre a sociedade e em última instância, sobre toda a humanidade.

No livro, *O Problema do Destino Humano*, Scantimburgo escreveu:

Por mais primitiva que seja, a pessoa obedece a um impulso irresistível que a projeta em direção ao Ser, que, muitas vezes, se transforma em falso Ser, isto é, no Ser que não é o Ser verdadeiro, é um Ser falso, uma superstição.Há uma hierarquia no Universo, segundo a qual uma trama comum liga os seres, um movimento comum os implica, mas um mesmo fim os imanta a todos. Daí os indivíduos serem para a sociedade, a sociedade para a pessoa, para o seu aperfeiçoamento, e a pessoa para Deus (SCANTIMBURGO, 1979, p. 28).

Como agentes livres, podemos escolher entre colocarmo-nos em sintonia com a Causa Primeira, o puro Agir, Deus, e os seus desígnios, para cooperar com eles ou não. E é nessa escolha que se joga o nosso destino.

Referências:

SCANTIMBURGO, João. *A Extensão Humana, Introdução à Filosofia da Técnica*. São Paulo: Editora Nacional/Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

_____. *A Filosofia da Ação, Síntese do Blondelismo*. São Paulo: Digesto Econômico, 1982.

_____. *Introdução à Filosofia da Ação*, seguido de *O Problema do Ser e dos Seres*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1993.

_____. *O Problema do Destino Humano*. São Paulo: Convívio, 1979.

The philosophical thought of Joao Scantimburgo

Abstract: A follower of Maurice Blondel's Philosophy of Action, Scantimburgo published books in order to make this philosophy known in Brazil. The whole philosophy is based on the concept of *action*, a desiring experience that points to a Final Cause. Since it is moved by a contingent second cause, it also points to a necessary First Cause, that coincides with the Final Cause. This is Pure Acting, fountain of the dynamic movement of the whole universe.

Keywords: Action; Pure Acting; Experience; First Cause; Second causes.

Data de registro: 31/05/2013

Data de aceite: 23/08/2013